

Sob o olhar de Goethe

Daniel Delouya

Goethe ocupou um lugar eminente na invenção de Freud, inclusive no caráter artístico dela. Este artigo discute alguns paradoxos ligados à figura de Goethe no imaginário de seu ilustre admirador.

*"A arte e a ciência não bastam,
É preciso ainda paciência!"*

Fausto

O que contribuiu para que Freud inventasse o método psicanalítico, que ele relacionava com um modo científico de trabalho? Tentaremos apontar os indícios de origem deste método, examinando-o em relação a um outro componente, o gênero poético da escrita freudiana. Ambos os gêneros estão relacionados com Goethe, que ocupou um lugar significativo nas identificações do fundador da psicanálise. Num dos sonhos "absurdos" Goethe está no lugar de Fliess¹.

Mais de um século separa os nascimentos de Goethe e de Freud na cultura alemã, que no entanto permaneceu como horizonte das atividades filosófica e científica

nas duas épocas; o patrimônio literário e lingüístico alemão teve importância capital na intensa criação de ambos até o fim de seus dias (os dois faleceram aos 83 anos). Embora o judaísmo de Freud o colocasse bem à distância de Goethe, há nas suas biografias semelhanças - principalmente nas diferentes nuances dos seus pontos de convergência - que formam um "material" esclarecedor para um estudo de seus destinos. Não cabe aqui, nem é da nossa competência, fornecer o "material", sequer a

Daniel Delouya é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e pós-doutorando pela FAPESP, no Núcleo de Psicanálise do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP.

análise dele; mas devido à sua relevância, mencionaremos alguns aspectos.

Como ocorre com a maior parte dos grandes homens, não há indício aparente em suas linhagens que deixassem entrever o futuro destino de cada um: eram primogênitos de mães muito jovens, casadas com homens mais de vinte anos mais velhos; nutriam-se de uma relação conflituosa com figuras paternas enigmáticas e mal-sucedidas (embora as lembranças fossem distintas: presença calorosa e atenciosa de Jacob Freud, frente aos maus tratos por parte do severo Johann Caspar Goethe); perda de irmãos em tenra idade (quatro irmãos no caso de Goethe e um no caso de Freud). Se dispusermos esses elementos em torno do eixo para o qual convergem, isto é, a relação com “a melhor mãe do mundo” (para Goethe e também para Freud²), eixo que ao mesmo tempo os diferencia nas específicas *Gestalten* assim criadas, poderemos talvez entender as diferentes modalidades da cisão entre essa bela/boa mãe e seus negros continentes, suas erínias nas obras e vidas dos dois homens.

“Quero como Goethe”

Freud nos conta como optou pela medicina após uma hesitação entre ela e a Faculdade de Direito: “e foi ouvindo o belo ensaio de Goethe sobre a Natureza... que decidi tornar-me estudante de medicina”³. Goethe incluiu o “Fragment über die Natur” entre suas obras quando contava 81 anos, 50 anos após este ter sido redigido e recitado na sua frente, pelo amigo suíço G. C. Tobler. Não se deve atribuir este “pequeno” ato falho à sua velhice, na qual permaneceu, como Freud, muito lúcido. É que este ensaio era a veste mais perfeita que Goethe pôde encontrar para a sua própria versão do *deus sive*

natura de Spinoza: Tobler o expressa num ritmo de prosa cheio de contrastes, o que permitiu ao velho Goethe identificar neste ensaio os fenômenos humorísticos, estes “seres que se contradizem... brincam num jogo mortífero”. Convenhamos, que este ensaio era seu e, certamente, este era o Goethe de Freud. É bem plausível contar, entre

séculos antes, e do teólogo Newton. Procurarei resumir, inicialmente, a colheita de Goethe neste campo, para examinar, em seguida, seu método.

A luz e a vida (biológica) ocuparam o centro da sua longa atividade científica. Como Freud, ele era do “tipo visual”; sua visão do mundo fora determinada pelo sen-

Entre as razões pré- e inconscientes da decisão do jovem Freud, é possível contar a aspiração de que nele, como em Goethe, habitassem harmoniosamente o artista e o cientista.

as moções pré- e inconscientes da decisão do jovem Freud, a aspiração de se tornar um grande homem como Goethe, a aspiração de que nele habitassem lado a lado e harmoniosamente o cientista e o artista, sem prejudicar suas forças eróticas⁴. Uma rápida incursão na vida científica de Goethe possibilitará comparar a aquisição (ou não) desses objetos, em torno dos quais fora matizado o desejo do jovem Freud, por seu suporte identificatório “real”.

A bela e branca Mãe-Natureza

Muito ativo em várias áreas da ciência, Goethe dava a ela a maior importância, e expressou-se frequentemente como se a preferisse à poesia. Nesta atitude, ele se aproximava do astrofísico Dante, cinco

tido da visão (“Nasci para ver/ E ver é meu destino”, Fausto, Parte 2, Cena 3). A vivência prazerosa da branca luz (“Assim vejo em tudo/ O eterno brilhante”, idem) o levou a postulá-la como *Urphänomene*, fenômeno primeiro e irredutível a outros componentes. Goethe persistiu até seus últimos dias nesta crença, defendendo-a apaixonadamente. As provas contrárias, provindas dos seguidores de Newton - que demonstravam a composição espectral da luz por outras cores - foram desconsideradas e repudiadas por ele: “aqueles que fazem a una e branca luz compor-se de várias cores - são eles que andam na escuridão”. Segundo Goethe, a luz branca era a primeira e as outras cores resultavam do seu escurecimento pelos “meios turvantes” que atravessava.

Na biologia, o fascínio pelas belas formas do vivo o levou a procurar os "arquetipos", que regeriam as leis dessas formas de base nos animais e plantas. Na botânica, preconizou a *Urpflanze*, a planta originária, que se manifestaria em todas as plantas existentes. Os vários órgãos das plantas seriam também manifestações das metamorfoses do "órgão primordial", a folha. As mesmas idéias foram aplicadas ao caso dos animais. A metamorfose, da qual falava Goethe, não era um processo histórico-temporal, mas metafísico: seus *Urs* (protoformas de plantas e animais) são "idéias" que se materializam nas várias formas reais dos organismos⁵ (Cf. o final do Fausto: "O que é efêmero/ É apenas aparência"). Goethe ocupou-se também da cristalografia e da mineralogia, cujos aspectos estéticos

exerceram um grande impacto sobre ele. Suas anotações sobre a química revelam influência de idéias alquímicas, nas quais encontrou significações que, posteriormente, seriam adotadas por Jung.

A apreensão objetiva do mundo dificilmente poderia ter lugar num homem como Goethe: mais do que pesquisar a natureza e as relações funcionais entre seus fenômenos, ele investigou, na realidade, as vivências que dela teve, e procurou expressá-las e significá-las. As interpretações que propôs provinham da sua concepção panteísta-spinozana do mundo. Identificando as coisas com as idéias e procurando nos plurais o uno dos quais tinham sido derivados e recortados, a tarefa do cientista era, segundo ele, recu-

perar o uno da origem. Com isso, afastou-se do pensamento científico moderno, de Galileu e Newton, e como pensador subjetivo-natural aproximou-se da maneira de pensar dos gregos, os caçadores da Arché. Goethe (como Freud) enfatizou, aparentemente, a observação como princípio metodológico da ciência, o que a distinguiria da contemplação abstrata e da filosofia especula-

A tarefa do cientista, segundo Goethe, era recuperar o uso da origem, desvelar os fenômenos originários.

tiva. Mas esta apreensão visual dos fenômenos estava muito longe do conhecimento mediado por experimentos construídos para examinar hipóteses sobre a realidade sensível. Goethe referiu-se a fenômenos puros, isto é, capturáveis imediatamente pelos sentidos, e às impressões diretas que produziam na alma; só esses registros poderiam revelar a verdade, ao passo que os experimentos e aparelhos "artificiais" "distorcem a realidade da natureza". Goethe não era analítico; rejeitava a probabilidade de atingir o conhecimento do todo - no qual via um dado primeiro - a partir do conhecimento das partes que o compunham. Mais grave ainda era sua revolta contra o princípio da ciência moderna, que é a redução das qualidades às relações quantita-

tivas. Goethe negou qualquer possibilidade de expressar a natureza pela linguagem matemática. Elogiava os gregos, "cujas descrições e formulações sobre a natureza jamais incluíram causas e efeitos, mas discursavam sobre os fenômenos externos... não fizeram experimentos como nós, mas lidavam com eventos separados". Segundo ele, deve-se desvelar os *Urbhänomenen*, os fenômenos originários dos quais todos os outros são casos particulares.

Concluindo: nada de Fausto, da Esfinge, da bruxa ou da sua cozinha poderiam ter afetado esta "bela e branca Mãe-Natureza". Goethe a defendia com bravura e afastava todos os "homens da noite" (os newtonianos) do seu reino-luz. Figurando nessas formas puras e perfeitas, as *Urs* eram os moldes, as origens dos objetos possíveis e reais. Esse elogio às *Urs* ecoa (como, aliás, em Freud) a voz dos antepassados: "O que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu" (Fausto, Parte I, Cena I).

Uma longa volta ?

A aversão de Goethe em dotar-se do método e dos procedimentos analíticos tornou impossível reservar-lhe um lugar na ciência moderna. Mas seu olhar sintético/estético - que depurou a bela e esbelta Mãe-Natureza das suas sombras sufocantes, presentes no ensaio de Tobler - não pára de fascinar os filósofos românticos, bem como o grande público que ama sua poesia. O que diremos de Freud, seu grande admirador? Na véspera de entrar para a Universidade de Viena, e poucos dias antes de completar 17 anos, ele escreve ao seu amigo Emil Fluss: "posso levantar agora o véu... decidi tornar-me um cientista da natureza. Examinarei seus documentos milenares; talvez possa escutar suas leis eternas, e dividir mi-

nhas conquistas com os interessados"⁶. Este trecho me fez lembrar da conversa que tive, anos atrás, com um famoso cientista de origem grega, o qual descreveu excitado seu trabalho como uma tentativa de "levantar a saia da natureza" - ele lidava com os documentos de um gene milenar. São esses os precursores do exame de Irma, no sonho inaugural da *Traumdeutung*. Veja-se por exemplo como este escrutínio, o perscrutar do corpo, constitui um dos fios centrais na reconstituição da auto-análise de Freud feita por Anzieu: ele oferece uma configuração teórica central do movimento de investigação. Se Freud - como Goethe - parece ter-se fisgado defensivamente na figura da mãe bela e esbelta, distanciando-se assim do horror mortífero que a imago materna poderia provocar, foi capaz, por outro lado, de transitar do

Freud escreveu em várias ocasiões que suas descobertas se deviam à sua concentração num problema restrito. Dispondo de uma série de técnicas construídas a partir de um método, examinava seu assunto à luz de uma primeira hipótese, para expandi-la ou modificá-la em seguida. Costumava contrastar esta estratégia "humilde e imperfeita" do coxear com uma outra, a da filosofia e dos filósofos, que voa e organiza um sistema omnicomprensivo. A aquisição desta "inclinação" (1925) e a persistência nela foi por ele atribuída à sua longa e intensa dedicação (1874-82) à pesquisa básica, nos laboratórios de Claus e Brücke⁷, o que contribuiu para o "desvincular de seus primeiros interesses de caráter difuso"⁸.

Sabemos que esses últimos referem-se às suas ocupações filosóficas e teológicas entre 1873 e 1875. Convido o leitor a me acompanhar

da arte literária de pensar o mesmo objeto. Enfatizo aqui o testemunho do próprio Freud, segundo o qual esta experiência possibilitou mais tarde a invenção da situação analítica, este dispositivo ou aparato que permite lidar com "explosivos"⁹, e portanto, o distingue das abordagens de vinte e quatro séculos de filosofia, e de tanto ou mais tempo de poesia e literatura. Discordo, no entanto, de que o método inventado por ele pertença à mesma categoria que o das ciências naturais. Servindo-nos da imagem feliz de W. Benjamin quanto à relação com a floresta, poderemos indicar a diferença da seguinte forma: enquanto os filósofos apreendem a floresta por meio de "idéias sobre", e os poetas se deixam tomar ou penetrar por ela, Freud a aborda passando de uma árvore a outra, recomeçando cada vez por uma nova.

O período em questão foi retratado nas cartas a seus amigos de ginásio, como Emil Fluss; no início da correspondência com sua noiva, Martha Bernays; e nas cartas a Eduard Silberstein.

Universidade e sexualidade

"Gisela tem uma beleza selvagem, traciona... Ela reluta em sair de minha cabeça. Caramba!"

(Carta a Silberstein, 4.9.1872)

Freud nos conta que a atração pelas teorias darwinianas, que o fez pensar numa carreira científica, estava em conflito com a vontade de seguir um amigo "mais velho que eu que exerceu uma grande influência sobre mim... Alimentei o desejo de estudar direito e envolver-me como ele em atividades sociais"¹⁰. Refere-se aqui ao seu melhor amigo da adolescência. O lapso de Freud - Eduard Silberstein não era mais velho do que ele - denuncia o lugar que este ocupava no seu imaginário

Os filósofos apreendem a floresta e os poetas deixam-se tomar por ela; Freud a aborda passando de uma árvore a outra, recomeçando a cada vez por uma nova.

ser/ver para o escrutínio e o exame - próprios da pulsão de saber - deste corpo materno. Uma expressão dessa diferenças de percursos entre os olhares de Freud e de Goethe pelo objeto (analítico versus estético) encontra-se no primeiro parágrafo de "O estranho familiar" (1918).

no exame de alguns aspectos do período que se estende do fim do colégio, época de sua escolha pela medicina, até a saída do laboratório de Brücke em 1882: são bastante elucidativos para compreender a futura abordagem de Freud, assim como sua relação conflituosa com as tentativas por parte da filosofia e

desde a época da juventude. As cartas, trocadas de 1871 a 1881 entre os dois únicos membros da Academia Española, Cipion (Freud) e Berganza (Eduard)¹¹, foram escritas em parte em castelhano. Três eixos perpassam esta correspondência bem-humorada de Freud para Silberstein

mos..Y porque solo hablaríamos de tres, si cuatro son? No le he prometido de abrimme a Vm? Hablemos francamente.. que he tomado inclinacion para la mayor llamada Gisela..". Ela partirá no dia seguinte, conta aliviado ao seu amigo, e "sua ausência trará de volta minha segu-

nadas, no seu código secreto, as meninas pelas quais sentiam atraídos - deixam de ser objetos partilháveis com o amigo. Aparentemente, as mulheres só interessam a Silberstein. Sigmund nega qualquer interesse por elas, embora permaneça mais do que curioso a respeito daquele (Eduard) que delas pode usufruir. O movimento transferencial com Eduard o faz voltar aos outros "princípios" - os da filosofia, homeopatia e teologia, assim como os do direito, da política e da literatura - dos quais o amigo se ocupa: enquanto este relata suas aspirações políticas e lhe conta sobre suas paixões e mulheres, o jovem Freud expressa seu ardente envolvimento com a filosofia e com os estudos, mas permanece curioso sobre "o que resultou" dos envoltimentos amorosos do amigo. Confidente de Eduard, ele acolhe suas angústias existenciais, porém sem confiar as suas. Mas elas transparecem quando o consola, ao saber do conflito ("de Werther e Lotte") que está atravessando: "desde Werther e Fausto, todo e qualquer alemão decente passa um período melancólico, de estar mal com a vida, sem no entanto ter o destino desses heróis" (na carta a Fliess de 31/5/1897, Freud diz que a fantasia de Werther protegeu Goethe de suas tendências suicidas...). Enquanto foge da sexualidade e passa as noites sobre os livros, Sigmund se torna irônico; sua linguagem é afiada e irreverente especialmente ao tratar das decepções amorosas do amigo: "não dê muita trela a essas meninas... não dê muitos ouvidos a elas... fique perto das suas mães... se você precisar paquerar e ter encontros fugazes venha para Viena, aqui você as terá...". Mas em certos momentos, como quando deixa a filosofia (junto com as mulheres) para Eduard, aparece um insight: "você procura a verdade na vida com a mesma urgência que eu a procuro na ciência".

Enquanto Silberstein relata suas aspirações políticas e suas paixões, o jovem Freud expressa seu ardente envolvimento com a filosofia e com os estudos.

da qual menos da metade foi conservada. Bem-humorada? Aparentemente, já que abafa uma trama tempestuosa tecida entre os três "famosos e banais" protagonistas - o amor, o dinheiro e o saber - cujo suposto detentor só poderia ser o amigo "mais velho".

A correspondência entre os jovens data desde as férias que juntos passaram na casa dos Fluss, em Freiberg, a cidade natal de Freud. A atração dos adolescentes está centrada nas garotas da família. Por serem ricos e bem sucedidos, os Fluss não apenas reduplicam os Silbersteins, mas representam também o sonho frustrado e a decepção com o pai, Jacob Freud, cuja falência o obrigara a migrar para a grande cidade.

A abertura deste belo romance de juventude figura nas primeiras cartas de 1872, vindas de Freiberg, onde Freud passa pela segunda vez as férias de verão: assustado, ele se percebe apaixonado - "Vamos a las ninas. Cuatro hay e de tres hablare-

rança". Não foi mais avante, confirma Freud, "y nadie, ni ella misma siquiera, sabe de eso más que su majestad el Rey de los Turcos". A irrupção da sua sexualidade (os turcos sabem gozar dela - veja-se o caso Signorelli, 1898), o assusta e o ameaça, precisando negá-la e a ela ser indiferente. Este incidente é determinante para o destino de nosso herói e para o drama do livro. Quando consegue barrar a "turbulenta" paixão, "surge a linda primavera" - a afeição pela mãe de Gisela: o imenso prazer na conversa com a culta mulher, a admiração por seu domínio dos negócios e por seu envolvimento na educação das filhas, "ao contrário das nossas mães". A "primavera", como tantas outras, belas e poéticas, foi curta; mas não deixa de anunciar os destinos desta primeira e assustadora irrupção de sua sexualidade.

Ao entrar na faculdade, sua paixão é canalizada para os estudos. Os "princípios" - assim eram desig-

Relato duas ocasiões de irrupção da sexualidade do jovem Freud, e que coincidem com o rumo que tomará seu futuro profissional:

1) No verão de 1875, Sigmund viaja para Inglaterra e visita seus meio-irmãos em Manchester. O pai esperava afastá-lo dos estudos, despertando nele um interesse pelos negócios - nos quais os irmãos haviam sido bem sucedidos - e desejava vê-lo desposar a sobrinha Pauline. Embora Freud permaneça discreto em relação à "charmosa" Pauline, ela desperta nele um ruído que não é dos menores (e sobre o qual saberemos vinte e quatro anos mais tarde, em "Recordações Encobridoras"). Mudado, ele declara o fim da poesia, da fantasia, e está muito cético em relação à filosofia; quanto aos planos, "...no ano passado... desejava mais ardentemente... um laboratório e tempo livre, ou um barco no oceano equipado com todos os instrumentos de investigação necessários. Agora não sei se prefiro um grande hospital e muito dinheiro para atenuar ou exorcizar alguns dos males que afligem nosso corpo. Um homem importante poderia realizar milagres para aliviar o sofrimento somático se fosse suficientemente investigador".

2) No ano seguinte, recebe uma bolsa e viaja a Trieste para pesquisar os órgãos reprodutores das enguias. "Saiba pois que Trieste é uma cidade muito bonita, e que os animais aqui são belíssimos". Encantado pelas belas mulheres que encontra, ele recua em seguida: o arranjo de seus cabelos mostra que pertencem à classe baixa. Depois de dissecar quatrocentas enguias para localizar suas glândulas, "só posso apreciar de longe a beleza das italianas... no plano fisiológico, sei apenas que gostam de passear... infelizmente é proibido dissecar seres humanos". Quando passeia no domingo em Muccia, pequena cidade de pescadores, depara-se com mulheres bonitas mas grávidas (teme engravidá-las?) e/ou com crianças. As

mulheres de Trieste tornam-se feias ou prostitutas... logo admite que foi assustado pelas "deusas italianas".

Entre os dois "episódios", Freud fica sabendo (ou inventa a notícia) que Gisela se casou, e escreve a Ode epitalâmica, poema irônico e ressentido, no qual considera como "antediluviana" a vida dos recém-casados.

A psicanálise

Os episódios de adolescência que acabei de citar me parecem evidenciar alguns componentes da formação de Freud, e os rumos que tomaram na sua obra.

salientar que esta tese se encontra não apenas nessas fontes, mas passa, de certa forma, toda a obra freudiana. O reflexo do caminho entre esses escritos e o livro inaugural encontra-se na seqüência de lembranças desvelada na correspondência com Fliess: a ameaça é mitigada pela cisão da figura materna entre a bela mãe e a feia babá, que se materializa através do olhar defensivo lançado ao corpo (esbelta/feia). Da figura incestuosa e informe da feia babá, que o banha na água avermelhada das suas secreções menstruais ("fazendo-o trilhar o caminho entre o céu e o inferno"), passamos a uma imagem intermediária, a do pai se-

A sexualidade como algo nocivo que ameaça desintegrar o eu e seu corpo, levando-os à morte, é uma tese radical que não é difícil encontrar nos primeiros escritos de Freud.

Vários componentes da exposição que se segue já foram desenvolvidos por diversos analistas e freudólogos: a sexualidade como algo nocivo que ameaça desintegrar o eu e seu corpo, levando-o a uma dissolução total, à morte, é uma tese radical que não é difícil encontrar nos primeiros escritos de Freud, assim como nos manuscritos enviados a Fliess sobre a sexualidade e o prazer¹². Monique Schneider mostrou a radicalidade dessa visão nos primeiros escritos de Freud (em *Freud et le Plaisir*). No entanto, vale

o autor, que se transforma em mestre do prazer e virá figurar no Édipo triunfante¹³.

Talvez eu tenha deixado entrever aqui uma posição de censura a Freud por ter "expurgado" o feminino; mas não a partilho por completo, e gostaria de introduzir um certo deslocamento, que nos levará de volta à formação de Freud. A mesma temática, sob outra modalidade, encontra-se no belo artigo "Lembranças encobridoras", cuja redação e publicação coincidem com a publicação da *Interpretação dos*

sonhos: é interessante como o “jovem psicólogo” (Freud) introduz a lembrança encobridora mencionada no artigo (que o analista Freud des-encobre) por uma lembrança “verdadeira”, que diz respeito a uma ferida no maxilar. Mais curioso ainda é como uma falsa lembrança da infância (uma construção imagética) serve como tela para lembranças verdadeiras da adolescência (aquelas que destaquei acima), as quais se referem aos fatos que constituem os eixos do romance narrado a Silberstein. Esses eixos configuram o conflito nodular/edípico, entre Eros e Ananké ou entre o amor e a fome; marcam também o momento no qual o herói encontra o êxito, fazendo sua escolha.

“Arrancar as flores de Pauline e pedir/receber pão da camponesa” segue-se a uma lembrança precoce de ferimento, de sangramento, onde a vida se põe em risco. Se há aqui uma repetição do momento onde uma irrupção sexual, despertada por Gisela (que figura nas suas associações) abala o jovem Freud, é porque este transtorno traz em si a ameaça de morte. Ao sentir o chão movediço criado pelo terremoto pulsional, ele se precipita para proteger o “corpo”. É com a mesma agressividade, emanada da sexualidade, que ele se dirige aos estudos e encontra apoio na beleza da poesia e da literatura, enquanto a coerência e a unidade da filosofia mantêm sua integridade (a do “corpo” ameaçado). Mas Freud não permanece na defensiva, nem deixa a situação evoluir para uma cisão, como ocorre em Goethe.

Aqui tenho uma divergência com Monique Schneider: a meu ver, a história acima, e a maneira como foi matizada na cena encobridora, deixam entrever uma conquista e não apenas uma defesa. Não é um acaso que a temática edípica se articule com a personagem de Pauline. Embora reedite Gisela, esta

personagem o faz neste momento sob novos recursos, que criam toda a diferença. Lembro que Sigmund volta muito diferente de Manchester: anuncia o fim do interesse pela filosofia e pela poesia; explicita seu novo interesse, e seu plano de dedicar-se ao corpo e à sua cura pela investigação. Efetua-se aqui um grande passo: de uma posição na qual não se medem esforços para manter a integridade do corpo - para que não se liquide, ou sangue, ou mesmo se deixe esvair pelo con-

O artigo de 1899 não só apresenta a trama que deu à luz a psicanálise, mas a inaugura no mesmo movimento.

tinente negro da sexualidade - passamos a outra, ativa, que penetra, disseca, caminha, pesquisa e conquista.

Transcorrem mais de vinte anos desde o início da sua intensa atividade nos laboratórios de Claus, Brücke e Meynert. A anatomia, a fisiologia e a patologia são mais do que fontes e origens dos modelos e metáforas para o aparelho psíquico que inventará; o próprio método científico é que instrumentará Freud. - junto aos da poesia e da filosofia - para inventar o método da psicanálise. Fascinante é o fato do artigo de 1899 não

só apresentar a trama que deu à luz a psicanálise, mas inaugurá-la no mesmo movimento.

É verdade que a “fisiologia” (o dinâmico e o econômico) opera entre os *topoi* (“anatomia”) do “corpo”. Existe de fato todo um terreno ou um continente negro que, ao mesmo tempo em que propeliu a marcha freudiana (como tentei mostrar ao longo dessas notas), exigiu também um longo tempo até poder ser denominado como tal. Tentei assinalar que aquilo que viria a ser denominado como o continente negro, o feminino, nada mais é senão a sexualidade e a morte. Esta encontra, como aliás na vida de Freud, um apoio na figura materna (a babá). Mas cabe à mãe real, “a melhor do mundo” - as de Freud e de Goethe - transformar a sexualidade e a morte - em relação às quais o sujeito é passivo - em libido, entidade ativa que penetra, arriscando o corpo para prosseguir vivendo (Édipo). É neste sentido que entendo a afirmação de Freud segundo a qual a libido é masculina, principalmente se emana do sítio ou do reservatório-ego, mas a sexualidade é feminina - ela é o feminino!

No artigo de 1918 sobre o sinistro, Freud traz alguns exemplos de situações que provocam sensações de *unheimlich*: entre eles, menciona o número que é o mesmo da idade da pessoa. A sensação de estranheza é provocada quando este número aparece repetidas vezes, no mesmo dia, e em vários lugares por onde alguém anda, como se anunciasse a morte, uma ameaça vinda do real. O número evocado é o mesmo da idade de Freud naquele momento, 62 anos. No parágrafo que antecede este exemplo, Freud evoca um outro: conta como, numa pequena cidade italiana, foi assaltado pela mesma sensação ao retornar muitas vezes para a mesma rua (usa a palavra *détour*), o que lhe causou um susto; tentou escapar dali, uma vez que se

tratava da zona das prostitutas. Trieste ou Muccia da sua juventude? Seja como for, a morte e a sexualidade andam juntas. Esse continente e seus buracos negros talvez levem, nas suas vivências extremas, à psicose, ao narcisismo branco do qual nos fala Green ou ao lugar de *no-thing* (Bion).

Voltando ao Goethe de Freud

Ao receber o Prêmio Goethe em 1930, Freud escreve a Alfons Paquet: “existe algo nele (no prêmio) que acende a imaginação”¹⁴. No discurso lido por Anna Freud em Frankfurt, começa dizendo que sua vida foi direcionada para um só objetivo, possibilitando, com a ajuda de outros, erguer uma nova ciência. A questão que ousamos colocar, prossegue Freud - “e sabendo que o grande homem se manteve atento a qualquer inovação científica - é: qual seria a sua reação se seu olhar caísse sobre a psicanálise?” Comparando a versatilidade de Goethe com a de Leonardo da Vinci, Freud constata que o primeiro conseguiu harmonizar o cientista e o artista, enquanto o segundo fracassou devido às suas inibições eróticas. Encontra neste fato a razão de Leonardo excluir a psicologia de seus interesses, e passa a ilustrar, no Fausto e em outras obras de Goethe, como este pode ser considerado um precursor da psicanálise. Como se Freud dissesse: “fiz algo muito restrito, consegui ser apenas um cientista... enquanto o grande Goethe foi cientista e artista... E o que você me diz daquilo que criei, e do qual você foi afinal o pai?”

Ocorre que esta afirmação é exatamente contrária ao que de fato aconteceu: foi Freud (e não Goethe) quem harmonizou e combinou em vida e obra, e no método que inventou, a arte e a ciência. Muitos censuraram Freud por ter desvalorizado os poetas e os escritores, embora tenha preservado Goethe de tais

críticas. “Freud foi um grande escritor”, nos dizem Muschg, Meltzer, Marcus, Roustang, Steiner e Mahony, para citar apenas alguns comentaristas. Nos *Estudos sobre a Histeria*, desculpa-se pelo parentesco dos casos clínicos que relata com as histórias de ficção. Em “O poeta e a fantasia” (1908), aponta para a origem comum entre nossos conflitos neuróticos e aqueles com as quais o escritor tece sua obra: os devaneios diurnos e as fantasias. A fonte de prazer que retiramos dessas obras provém da mesma origem (dos instintos insatisfeitos, tanto

lhantes, que consistem em neurotizar o público para que “o ímpeto do impulso reprimido... apareça sutilmente, para que o processo de conscienciação ocorra no espectador enquanto a atenção deste se encontra distraída... Como no tratamento psicanalítico, quando os derivados dos pensamentos e afetos reprimidos emergem na consciência”.

Eis, então, os fios para tecer os liames que unem a psicanálise à arte (não é por acaso que Freud cita no livro inaugural a dedicatória do Fausto: “Tornai, trêmulas visões,

Foi Freud, e não Goethe, quem harmonizou, na vida, na obra e no método que inventou, a arte e a ciência.

eróticos como agressivos). Mas a *ars poetica* pela qual “o poeta nos coloca em situação de podermos gozar de nossas próprias fantasias” consiste na forma dada à obra de ficção e na técnica que usa para nos fazer superar os sentimentos de repulsa em nosso ego; sentimentos “conectados, sem dúvida, com as barreiras erguidas entre os egos, entre o nosso e dos outros”. Seu artigo anterior (“Caracteres psicopáticos no teatro”, 1906) brilha pela semelhança que encontra entre o trabalho do dramaturgo e o do seus atores, por um lado, e o trabalho analítico por outro: as técnicas em ambos os casos afrouxam tais barreiras, passando por estágios seme-

que outrora surgistes já aos olhares anuviados”). Onde está a desvalorização dos poetas? No artigo sobre Dora lemos: “Devo agora considerar uma outra complicação a que certamente não daria espaço, fosse eu um escritor empenhado na criação de um estado anímico desse tipo para um conto, e não um médico empenhado na dissecação...” A atenuação da qual falamos acima é comum às obras de escritores e poetas, e ao trabalho analítico. Mas Freud mostra que o escritor nos proporciona prazer ao liberar o material inconsciente através da forma com que o expressa, fazendo-o atuar também (como nos papéis dos jogos infantis e nas *dramatis personae*).

Porém o artista não submete esses conteúdos (e nem o impõe ao público) ao trabalho de simbolização, como na análise¹⁵.

Prossigamos para a última parte do discurso de 1930, que é importante para nossa discussão. Freud reconhece aqui que cometeu um “delito” quando “ousou” submeter a biografia do grande homem a uma investigação psicanalítica (1917); ele está, portanto, pronto a aceitar um eventual veredito de Goethe, se este retirar o patrocínio solicitado há pouco para a nova ciência. No entanto, Freud pede a palavra, alegando que a investigação biográfica não poderá responder às únicas questões importantes: jamais iluminará o “enigma do talento milagroso” que faz o artista, além de não ajudar na compreensão do valor e dos efeitos de suas obras. Por que tamanha inutilidade? Para satisfazer uma forte necessidade em nós, explica Freud. Evocando Shakespeare, ele pede a Goethe que entenda a “necessidade de colocar essas pessoas entre os pais, mentores e figuras exemplares... na expectativa de que essas personalidades serão admiravelmente possuídas, como foram suas obras de arte que já conhecemos e possuímos”. E depois admite uma outra razão: aproximar de nós o herói, reduzir a distância que nos separa dele; afinal, é inevitável que, quanto mais estudamos o

grande homem, mais reconhecemos nele o ser humano que somos. Freud evoca em seguida a fatalidade da ambivalência em relação aos nossos pais e professores. Mas: “admito que no caso de Goethe...”, ele era um “cuidadoso ocultador”! Aí vem o grande final, com as palavras de Mefistófeles no Fausto: “O melhor daquilo que podes saber/ Não pode dizê-lo a estes meninos”.

Por que Goethe? Por que ocupou esse lugar para Freud, e nele permaneceu por tanto tempo, mais de 60 anos? Só se pode conquistar algo vencendo grandes resistências. Quando confessa seu “pecado” de 1917, talvez Freud tenha sentido o quão próximo estava de Goethe, na articulação (encontrada no final do ensaio) entre os seguintes testemunhos do poeta:

“Fui uma criança de sorte: o destino preservou minha vida, embora tenha vindo ao mundo quase morto. O destino tirou a vida do meu irmão de forma a eu não precisar dividir o amor da minha mãe com ele”. E esta outra: “minha força tem suas raízes na relação que tive com a minha mãe”.

Freud superou Goethe, embora não pudesse admitir isso, e principalmente num momento crucial, quando está prestes a se aprofundar no terreno que conquistou, retomando algo que o liga a Goethe. Quando a comitiva do Prêmio pôs-

se a caminho para a Berggasse 19, Freud já estava sob o efeito, quem sabe o alívio, que a notícia sobre o falecimento da Amalia Freud, sua mãe, lhe trouxe. Os grandes trabalhos sobre o feminino e a feminilidade serão redigidos nos próximos anos. ■

NOTAS

1. S. Freud, *The interpretation of dreams*, in Pelican Freud Library (PFL) vol. 4, cap. VI, G(v).
2. S. Freud, "A childhood recollection from *Dichtung und Wahrheit*". PFL 14.
3. S. Freud, "An autobiographical study". PFL 15, p. 191.
4. Aqui, repeti quase literalmente um trecho do discurso de Freud ao receber o Prêmio Goethe, no qual se refere ao esplêndido êxito de Goethe nesta combinação, ao contrário do grande Leonardo - Cf. S. Freud, "The Goethe prize". PFL 14, p. 467.
5. Goethe (1826) *Truth and poetry*, New York, Anchor Books, 1965.
6. Carta de Freud a Emil Fluss de 1/5/1873, citada por Peter Gay: *Freud, A life for our time*, New York, Norton Company, 1988, p. 24.
7. L.B Ritvo, *A influência de Darwin sobre Freud*, Rio de Janeiro, Imago (1992), Cap. 9.
8. S. Freud, "An autobiographical study". PFL 15, p. 193.
9. S. Freud, "Remembering, repeating and working-through". Standard Edition (SE) vol. 12.
10. S. Freud, "An autobiographical study". PFL 15, p. 192.
11. W. Boehlich (ed.), *The letters of S. Freud to E. Silberstein 1871-1881*. Belknap, 1990. Os nomes, Cipion e Berganza, são tirados de uma das *Novelas Exemplares de Cervantes*.
12. "A multidão solta seus apetites, enquanto nós nos privamos deles. Privamo-nos deles para que possamos manter a nossa integridade" - Carta de Freud a Martha de 23/8/1883, comentando a peça "Carmem". Cf. *Letters of Sigmund Freud*. Dover, 1990, p. 45.
13. Nesse contexto defensivo, há um passo intermediário que comporta a posição ativa do olhar: "minha libido voltada para matrem foi despertada... ao vê-la nuda" (carta de Freud a Fliess de 15.10.1897). Cf. M. Schneider, *Freud et le Plaisir*, Denoel, 1980.
14. S. Freud, "The Goethe prize". PFL 14, p. 465.
15. A força anímica da qual fala Freud em Dora, e sobre a qual tendemos a ser levados ("inclusive eu", admite Freud) é a homossexualidade feminina. Esta constitui o nóculo do caso e da transferência (intimamente ligada à contra-transferência de Freud), e foi passível à descoberta pela vivência e pelo papel que ocupava na vida de Freud e com Fliess. A homossexualidade, e portanto a paranóia (a filosofia), têm muito a ver com a psicanálise e seu método... Freud trocará o amor a Silberstein por aquele de Martha, e este pelo de Fliess até Anna (sua filha) que está no lugar de ... Cordelia, do silêncio, da morte...

Uma razão para a investigação biográfica: reduzir a distância que nos separa do herói. Quanto mais o estudamos, mais reconhecemos nele o ser humano que somos.